

# Geografia Militar

Pelo Gen. NEWTON BRAGA.

Um oficial, em geral, mas especialmente aquele que se dedica à estudos especiais que o levarão mais tarde ao alto comando, tem necessidade, e isso não se precisa demonstrar, de se dedicar com método e trabalho, ao estudo dos assuntos que constituem a "Geografia Militar".

E' verdade que até bem pouco tempo discutia-se a matéria e chegava-se a perguntar se existia pròpriamente uma geografia militar.

Mas o essencial no caso, não é discutir nem criticar a designação e sim enumerar os assuntos que a matéria deve comportar, classificá-los, instituir um método ou métodos de estudo e dizer finalmente, isso constitue a Geografia Militar e é o seu objeto.

A-pesar de já existir uma literatura notável, tratada por vários escritores militares, relativa à matéria, e ter sido mesmo compendiada por C. Porro, nós, quando a estudamos na antiga Escola de Estado Maior, perdemos algum tempo, para satisfazer as exigências do programa, fazendo filosofia sôbre a existência de tal disciplina.

\*  
\*      \*

Felizmente, a acentuada tendência objetiva, no domínio dos altos estudos, que caracteriza a nossa época e o grande surto que teve a Geografia em Geral, desde Humboldt, Ratzel, Karl Rihter, Bruhrns, etc. facultou ao homem melhor conhecimento da Terra e da vida que sôbre ela se processa.

Camille Vallaux, professor de Geografia da Escola Naval em França, foi mais longe do que os que admitem a exis-



tência de uma geografia militar, pois lançou os fundamentos de uma Geografia Social e sob êsse título geral, compendiou dois trabalhos notáveis "O Solo" e "O Mar", o que nos leva quasi a admitir em relação à êste último trabalho "O Mar", feito sob a influência de Friedrich Ratzel, que existe também uma geografia naval.

De outra forma não se pode compreender o valor das vias e zonas de dominação com bases navais, para o exercício da vigilância restrita sôbre as frotas de comércio e de guerra, que a Inglaterra estabeleceu em Gibraltar, Malta, Suez, no Mar Vermelho e no Hindostão e últimamente em Singapura.

Seguindo o exemplo da Inglaterra os Estados Unidos apossaram-se das Sandwich e das Filipinas, como sinal de dominação marítima que êles pretendem ao norte do Oceano Índico.

As fôrças navais também têm campo estratégico, não tão fáceis de serem delimitados como os dos Exércitos de terra. Para expandir a sua dominação marítima as nações procuram os pontos estratégicos nas proximidades das costas, nos estreitos e nos mares secundários. Conhecê-los em todos os seus aspectos deve ser o objetivo de uma geografia naval, visando as respectivas operações.

\*  
\*      \*

Certo, todo oficial possui uma cultura geral na qual se enquadram noções de geografia física e política, que tais eram as denominações de há bem pouco tempo à esta parte, ou mesmo, com alguma extensão, da geografia econômica, como atualmente se professa nos cursos secundários.

Mas isso não basta, nem satisfaz aos requisitos de um oficial de estado maior, elite da nação, capaz de sentir as emoções profundas que dela se apodere "discipliná-las e dirigí-las". Para tal é preciso que êle seja orientado pelo saber.

Não lhe bastará os conhecimentos teóricos que lhe permitem manobrar as unidades em combate. Essas unidades não se movem como as peças que as simbolizam, num taboleiro de jôgo da guerra.



E' um conjunto de homens, vivem, têm necessidades. O oficial precisa conhecer com todo o rigor as condições materiais e morais das lutas que tiver de enfrentar.

Ao conhecimento do homem êle terá que juntar o conhecimento profundo do meio, que só a "geografia militar", nos seus três aspectos fundamentais, físico, econômico e humano, lhe poderá fornecer.

\*  
\*            \*  
\*            \*

Definamos os têrmos, dizia Voltaire, sem o que confundiremos as idéias e jamais chegaremos a um acôrdo sôbre qualquer que seja o assunto a estudar.

A Geografia Militar é o estudo, em tôdas as suas categorias, do terreno, dos recursos econômicos, das condições morais dos combatentes, tanto no ponto de vista etnográfico como histórico, tendo como finalidade a conduta das operações em determinado país ou região.

O conhecimento do terreno, onde a estratégia giza o largo movimento das grandes unidades e a tática aproveita os seus acidentes, deve ser estudado a fundo, quer no ponto de vista da sua constituição estrutural, geológica, quer quanto à sua configuração orográfica, hidrográfica e dos fenômenos metereológicos que atuam em sua modificação.

Para um oficial de estado maior o conhecimento do solo, das caraterísticas essencialmente militares da geologia é tão importante, que êsse ensino figura em tôdas as grandes escolas militares dos principais exércitos.

Não será possível, qualquer que seja o oficial, compreender um terreno, sem conhecer a sua estrutura geológica. Conhecendo-a êle saberá tirar proveito de suas caraterísticas na escolha de um itinerário, de uma posição defensiva a organizar nas melhores condições para enfrentar a luta.

As fôrças tectônicas e a erosão, determinam o modelado do terreno, a configuração orográfica e sabemos o quanto isso influe na conduta das operações, indicando as zonas onde estabelecer posições fortificados, regiões em que a defensiva se imponha pela própria dificuldade do terreno, permitindo economia de fôrças.



Na mesma ordem de idéias, isto é, o conhecimento do terreno tendo em vista as operações militares, impõe-se o estudo da hidrografia sôbre os seus três aspectos: **meios de comunicação** — rios, canais, lagos e lagunas; **como obstáculo** — utilização na defensiva ou estudo dos meios para transpô-los; o problema da água para alimentação dos homens e animais.

Completando o vasto cenário onde se processa a vida — o terreno — que o militar encara sempre como sendo prováveis teatros de operações, resta a Meteorologia, que desde os mais remotos tempos constitue um conhecimento indispensável à guerra.

Esse ramo dos conhecimentos humanos cada vez mais se sistematiza e as suas previsões constituem dados indispensáveis na conduta das operações, sendo os seus serviços absolutamente necessários nos exércitos modernos.

Daí a necessidade de seu estudo, não só no ponto de vista da organização do serviço, mas sobretudo no aproveitamento das suas informações relativas às condições climatéricas, favoráveis ou desfavoráveis às operações, tanto para os exércitos de terra como do ar.

A história militar está cheia de exemplos onde as operações militares de um adversário fracassaram em consequência do desconhecimento das condições atmosféricas ou suas previsões.

São conhecidas as consequências altamente desmoralizantes para os combatentes alemães após as primeiras experiências feitas no emprêgo de gases asfixiantes na guerra passada. O desconhecimento da direção do vento provável, atirou todo o gás para cima das próprias tropas que o lançara.

\*  
\*   \*  
\*

No vasto panorama que constitue a geografia militar, tem a geografia econômica um rincão especial, que aos demais se liga num fatalismo que a civilização, com auxílio da ciência e da técnica, vem restringindo.

E' preciso alimentar o homem e o combate. Eis o fatalismo.



A primeira condição era possível, antigamente, com os pequenos exércitos, realizá-la no próprio terreno em que se combatia, satisfazendo-se a segunda pelo transporte.

Hoje são as próprias nações que instituem os ministérios do reabastecimento e das munições.

Uma tropa de superfície, uma vez cercada, tinha os seus dias contados. Atualmente tudo pode receber por via aérea. São êsses os problemas que uma nação em guerra, na época atual, precisa assegurar a solução, no momento mesmo em que ela tem a sua agricultura, indústria e comércio quasi que paralizados pela falta de braços em consequência do apêlo às armas de todos os seus filhos.

E' nos Estados Maiores que se preparam os planos de mobilização. Não se trata de um simples problema de intendência ou de serviços diversos e nem de um problema de govêrno.

Trata-se de fornecer munições e material de tôda a espécie ao exército e ao mesmo tempo assegurar a alimentação do resto da nação.

E' ao Estado Maior que compete tudo prover no sentido de elevar ao máximo de rendimento, os recursos nacionais e o que deve ser obtido no estrangeiro.

Como a nação poderá satisfazer êsse duplo problema irredutível se o seu Estado Maior e portanto os oficiais que o compõem, não dispuserem de conhecimentos profundos sobre a geografia econômica do país?

Ele terá que conhecer pelo estudo acurado, todos os recursos para os quais a nação e o Exército terão de apelar nos trágicos momentos da guerra e que constituem objeto da geografia econômica, isto é, agricultura, indústria e comércio.

Na parte relativa ao comércio e com a qual a geografia militar deve ocupar-se, encontramos os centros comerciais; os meios de comunicação terrestre; navegação — mundial, costeira e fluvial; finanças; fôrças motrizes; meios de correspondência telegráficos, telefônicos, rádio-telefônicos.

Como vemos é um vasto programa que só pode ser realizado com trabalho e estudo apaixonado para poder ser mantido em dia.



\*

\* \*

Resta-nos finalmente para completar o quadro da geografia militar, a geografia humana, no conjunto de fatores que a constituem, considerados nos dois aspectos essenciais: — geografia etnográfica e geografia histórica.

Nenhum oficial em nossa época e muito menos aqueles que devem estar preparados para conduzírem um exército moderno, cumprirá a sua missão se não conhecer as forças morais, o valor dos combatentes, os interesses que os possam guiar, as tradições da raça, espírito combativo e tonus heróico que são fatores predominantes e entrarão em jôgo na luta, no momento da tragédia.

Entretanto, após estudo sério dêesses dois aspectos da geografia humana, antropogeografica, estará apto para julgá-los e entendê-los.

\*

\* \*

Pensando sôbre as caraterísticas da aviação, a nós mesmos nos pareceu supérfluo o estudo da Geografia Militar aos oficiais componentes dessa arma, uma vez que ela supera todos os obstáculos e vence tôdas as distâncias.

Mas para superar os obstáculos e vencer tôdas as distâncias é preciso conhecê-las e no seu papel de destruidora dos pontos sensíveis, dos centros industriais bélicos, das usinas inimigas, dos portos e canais, das vias de comunicações e dos aeródromos e recursos aeronáuticos, é preciso que o oficial aviador, o estado maior da arma bem como os seus chefes supremos, tenham, tanto como os oficiais de outras armas, conhecimentos sólidos sôbre a geografia militar, ou talvez mesmo mais do que êstes, sob o ponto de vista das grandes linhas de obstáculos físicos, porque atuam em região onde, vistos de cima, aqueles obstáculos se sucedem de tal forma e tomam tais aspectos que desnorteiam os que não teem o hábito adquirido pelo estudo, para reconhecê-los e orientar-se.

\*  
\*   \*  
\*

A Geografia Militar é uma **ciência** objetiva. O seu conhecimento integral marca o valor de um oficial, formando em seu subconsciente um índice seguro do valor de sua pátria e uma estimativa aproximada da importância dos que mais estão em contacto com ela e que êle tenha estudado sob êsse aspecto militar.

Como ciência objetiva, ela carece de documentação, que em certa categoria de fatos, precisa ser continuamente renovada, sem o que se pode ser levado à conclusões falsas ou muito aquém da realidade.

Nas suas memórias, uma das fontes magníficas e cheias de ensinamentos militares, Ludendorff inicia a campanha da Rumânia enraivecido pela resistências da frente francesa, na batalha do Somme, porque faltava pão e petróleo e só a conquista daquele país poderia resolver a crise econômica que ameaçava quebrar a resistência moral do seu país.

Ludendorff dizia que as guerras são sabatinas a que as nações se submetem para saber se têm o direito de viver.

Estudemos pois, com afinco, a Geografia Militar para que estejamos sempre prontos a resolver essas sabatinas, se o destino algum dia a elas nos conduzir.

---